TL5268

BOCA DO INFERNO

ENTREVISTA
NADIR AFONSO

IDEIAS
JOÃO MEDINA, MÁRIO AVELAR

EPISTOLOGRAFIA
SEIS CARTAS DE MICHEL GIACOMETTI A FERNANDO LOPES GRAÇA
COMENTADAS POR CONCEIÇÃO CORREIA E TERESA CASCUDO.
ALEXANDRE PINHEIRO TORRES

TIMOR
FERNANDO SYLVAN
INÁCIO LUDGERO

ARQUEOLOGIA
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

CIÊNCIA E COMUNICAÇÃO SOCIAL
RAQUEL GONÇALVES

LITERATURA
CARLOS REIS, EUGÉNIO DE ANDRADE, FERNANDO VENÂNCIO,
JOÃO DE MELO, JÚLIO CONRADO, JÚLIO MOREIRA,
MARIA DE JESUS GALRÃO MATIAS

INÉDITOS
ANTÓNIO OSÓRIO, ERNESTO RODRIGUES,
JORGE MARCEL, TEOLINDA GERSÃO

VENTOS E MARÉS

MAIO N.º 5
2000

Revista de Cultura e Pensamento

2000

Boca do Inferno

CASCAIS

CÂMARA MUNICIPAL

Ficha Técnica

Director
José Jorge Letria

Coordenador
Júlio Conrado

Conselho Editorial
António Borges Coelho
José Manuel Tengarrinha
Júlia Nery
Manuel Frias Martins
Mário Vieira de Carvalho
Salvato Telles de Menezes

Capa
Fátima Lisboa

Arranjo gráfico
Gabinete de Design Gráfico da Câmara Municipal de Cascais

Impressão
Gráfica Europam, Lda. – Estrada Nacional 249, Km 14
2726-901

Administração
Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Cascais

Propriedade
Câmara Municipal de Cascais

ISSN 0873-223X
Depósito Legal 151846/00

Maio 2000

Índice

9 Editorial

13 Entrevista
Nadir Afonso

31 Fernando Pessoa e o "Tiraninho"
João Medina

79 Uma História de Paixão
Conceição Correia
Teresa Cascudo

105 Viram o Michel?
Júlio Moreira

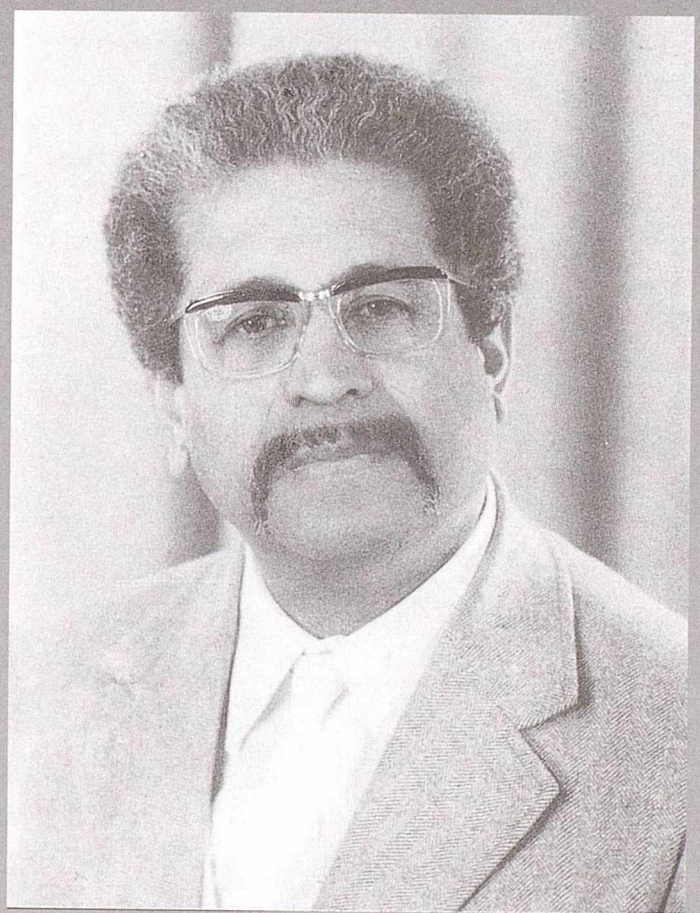
109 América – O Mito e a Realidade
Mário Avelar

121 Fernando Sylvan, o Timorense que não viu a Pátria Libertada

137 «Religiões da Lusitania», de Leite de Vasconcelos
José d'Encarnação

147 Entre Dois Pólos: da Notícia à Informação
Raquel Gonçalves

159 Eduardo Lourenço: Um Ensaísta Eminente
Carlos Reis



Fernando Sylvan

Fernando Sylvan, o Timorense que não viu a Pátria Libertada

Fernando Sylvan

Fernando Sylvan, natural de Díli, não viveu tempo suficiente para ver a pátria libertada. A morte surpreendeu-o em plena atmosfera depressiva quanto às expectativas de um futuro de liberdade para Timor. Os escritos que deixou reflectem amargamente o estado de espírito de um revoltado contra o que considerava ser a demissão de Portugal das responsabilidades de país colonizador relativamente ao que se passava a leste da ilha distante, no território considerado pela Indonésia a "27.ª província". Sylvan gostaria certamente de ter assistido em 1999 ao esforço do povo português para se reconciliar com a sua memória histórica através da vaga emocional e sentimental que lhe permitiu promover a unidade à volta de um grande objectivo nacional. A onda de solidariedade que sublinhou o gesto heróico da população de Timor Leste é inesquecível. Ao rejeitar no referendo de 30 de Agosto – imposto e negociado pelas autoridades portuguesas na O.N.U. – em condições extremamente adversas, a autonomia que a potência ocupante lhe propunha, o povo timorense despertava no povo português uma viva e surpreendente adesão à sua causa. Sylvan, que pena, já cá não estava para ver. Do antigo munícipe cascaense e sempre lembrado presidente da Sociedade de Língua Portuguesa reproduzimos sete poemas e um texto em prosa, homenageando assim a sua memória e a sua luta num momento em que Timor Lorosae ensaia os primeiros passos da almejada independência.

Sete poemas para Timor-Leste

IN MEMORIAM

O Dia chegou
mas
quantos
não chegaram ao Dia

CANÇÃO TIMOR DE EMBALAR

Meu menino
dorme
dorme...
Diziam as mães antigas
aos filhos
para fechá-los
no sono
sobre as esteiras.

Acorda
meu filho
acorda...
Sacodem
as mães agora
os filhos
para chamá-los
às armas e às canseiras.

Meu menino
dorme
dorme...
Não podiam
nesse tempo

nem futuro
amanhecer
nem liberdade
cantar.

Acorda
meu filho
acorda...
Não podes
dormir sonhar:
guerrilheiro
tens de ser
que o povo
tem de lutar !

ROTA

Não sei se o mar tem voz
mas a sua voz
desde pequeno me falava lento.

Eu via nele
o que não existia na memória.
Ninguém sabia
dos meus avós e bisavós
se era quadrado ou redondo
se tinha vida ou não.

Mas sem saber se tinha voz o mar
ouvia a sua voz.
E sem saber se tinha vida ou não
sentia a sua vida.

Foi ele que me disse
que havia Espaço e Tempo.

E comecei a viajar sem medo da viagem.

E nunca mais parei
com medo da paragem.

MENINO JESUS DA MINHA CÔR

Meu Natal timor,
meu primeiro Natal.

Quantos anos tinha?!
Nunca o soube ao certo.

Minha mãe-Menina
fez-me o seu presépio:
Uma encosta arrancada ao Rameleu
com uma gruta ausente
cheia de Maromak
e perfume de coco,
um búfalo e um kuda
e o bafo quente dos seus pulmões.

E um menino sobre palha de arroz
e folhas de cafeeiro.

Um menino branco
igual aos que chegavam de longe.

— Ínan, quem é?
— É o Maromak-Filho e teu Irmão!

E eu recuei, porque via no berço
um menino rosado,

um menino branco
igual aos que chegavam de longe.

— Ele é mais do que todos teu Irmão
— Mas como pode ser um meu irmão?
— É teu Irmão: Firma-lhe bem teus olhos, meu Amor!

E eu, obedecendo
firmei-me todo nEle

E vejo-O desde então
também da minha côr!

Significados:
Maromak = Deus
Ínan = Mãe
kuda = cavalo

PASSAGEM DO TESTEMUNHO

Há quinhentos anos que gritamos
contra a violência das grilhetas e do chicote
nos nossos corpos e almas dos nossos avós.

Há quinhentos anos que gritamos
porque foi só isso que nos ensinaram
nas nossas vidas dos nossos avós.

Mas na contra-fraternidade da violência
aprendemos a gritar liberdade construção independência
para as nossas vidas dos nossos netos.

MANIFESTO MAUBERE

A cultura é a memória
de um povo que não morre!

A acção é a história
de um povo que não morre!

Ouviram?
Ouviram bem?

A vida é a liberdade
de um povo que não morre!

A independência é a vontade
de um povo que não morre!

Ouviram?
Ouviram bem?

A justiça é a oferta
de um povo que não morre!

A luta é a descoberta
de um povo que não morre!

Ouviram?
Ouviram bem?

TIMOR-LESTE

Timor,
teu grito fretilin ecoará
com Portugal quieto
com Portugal calado
sem um acto de força à tua força
sem um gesto de orgulho ao teu orgulho
sem um nada de nada à tua História.

Mas tu resistirás à Indonésia
e lutarás
e redesfraldarás a tua bandeira
e recantarás o teu hino
e reproclamarás a tua independência.

E na liberdade das tuas liberdades
terás a justiça da tua justiça
e no amor do teu amor
terás a paz da tua paz
e na lavra da tua lavra
terás o pão do teu pão
e na escola da tua escola
terás o anseio do teu anseio.

Beijo-te, chão, ó terra do meu berço,
abraço-te, irmão, ó homem do meu povo!

E peço para Portugal o teu perdão!

FUTURO DA PALAVRA MAUBERE°

Alguns timores protestam contra o uso da palavra *Maubere* no significado que, felizmente, hoje tem: nome de um povo e de tudo o que lhe é relativo. E isso porque, dizem, se trata de um vocativo pejorativo por a palavra *maubere* significar *zé-ninguém*; mas na região dos galólis, de onde é originária, foi desde não se sabe quando, nome masculino de gente, consequentemente substantivo próprio. O nome tornou-se vulgar e com isso ganhou força expansionista, talvez nem tanto por si mesma, mas por corrosão absorvente dos colonialistas. Não vale tentar segurá-lo.

O nome próprio Maubere (talvez Mau-Bere) tem crescido, positivamente, de forma extraordinária e espectacular. Para além de continuar como nome próprio masculino e nome de povo, é adjectivo. Na verdade, Maubere quer dizer actualmente povo de Timor-Leste e tudo o que lhe é relativo. É a única palavra da língua tétum que se universalizou.

É difícil, por enquanto, descobrir-lhe a origem. Não pode mesmo a propósito dela dizer-se mais do que ser palavra masculina, por a partícula *mau* indicar-lhe o género.

Nenhum outro vocábulo tétum, uma das muitas línguas de Timor-Leste e a única de serviço intercomunicário, teve mais rápido movimento, e isso, indesmentivelmente, pelo uso que dela fez e faz a Resistência, dentro e fora, sobretudo fora das fronteiras de Timor-Leste. É esta palavra que viaja, altaneira, na Comunicação Social de todos os países, nos Organismos de Apoio em numerosos Estados, nos areópagos internacionais, em todos os sítios, enfim, inserida na generalidade das línguas cultas.

É só por isso que a palavra *maubere* tem crescido de forma extraordinária e espectacular. Novo sentido se lhe colou e a encorpou. É palavra usada no português e internacionalmente, em conversa de rua, discurso político,

---

° Comunicação às IV Jornadas de Timor da Universidade do Porto, 1992

texto poético ou erudito, porque, na verdade, a invasão indonésia e o genocídio consequente, com o trazer a questão dos Mauberes ao primeiro plano das preocupações nacionais e internacionais, fez com que a palavra *maubere*, tal e qual, fosse inserida, e vivesse, sem tradução, em todos os idiomas. Como, é claro, na língua portuguesa. De facto, o uso da palavra maubere é corrente e apreendida no seu significado maior.

E isto, apesar de ter começado por ser, apenas, vulgar antropónimo masculino. Tão vulgar como o são no português os antropónimos *António* e *João*.

O nome próprio de Maubere (Mau-Bere) aparece a ilustrar exemplos de casos característicos em que filhos modificam, a partir do seu próprio nome, o nome dos pais, acrescentados de Inan ou Aman conforme à Mãe ou ao Pai. No caso de primogénito Mau-Bere (Maubere), a mãe ficava a chamar-se Mau-Bere Inan e o pai Mau-Bere Aman. Inan, significa feminino, mãe, mulher; Aman, significa masculino, pai, homem.*

Como não havia apelidos, explicava-se a necessidade desta combinação a partir de nomes próprios, femininos ou masculinos, para identificação da estrutura familiar.

A necessidade de agrupação, por meio de apelido, impôs-se. Outros métodos empíricos, ainda hoje em uso, não cobrem a complexidade da questão, exemplo de "Estes rapazes e raparigas são filhos do Zé da Ponte" (porque toda a gente sabia que o senhor Zé morava junto da ponte), "Aqui estão as filhas e o marido da Mariana do Moleiro" (porque toda a gente sabia que a Mariana era filha de certo moleiro do sítio).

---

* Os nomes próprios masculino Maubere e feminino Bibere ilustram exemplos característicos em que a partir do nome próprio do filho primogénito (no caso, o de Maubere) ou do da filha primogénita (no caso, o de Bibere) se modificam os nomes dos respectivos pais pela aposição de Inan ou Aman. Assim, os nomes dos pais de filho primogénito passam para Maubere Inan e Maubere Aman e os dos pais de filha primogénita para Bibere Inan e Bibere Aman; tratando-se de filho ou filha ou parente de Liurai (Rei), então, ainda se antepõe ao nome Nai ou Noi. Neste caso de primogénitos filho ou filha ou aparentados de Liurai, por exemplo, com os nomes de Benjamim ou de Maria, seria, para o de Benjamim, Nai Benjamim Inan e Nai Benjamim Aman e para o de Maria, Noi Maria Inan e Noi Maria Aman.

Mau-Bere (Maubere), tudo o indica, à partida não era senão antropónimo masculino e indicava apenas o indivíduo desse nome; mas era vulgar, frequente, pelo menos até aos anos 30.

Generalizando-se tal antropónimo, é de admitir que, então, o nome Mau-Bere (Maubere) tenha servido aos colonialistas portugueses para lhe darem sentido paralelo aos que se contêm em zé-ninguém, joão-dos-anzóis ou maria-tonta usados em Portugal em sentido depreciativo. Simplesmente, como é óbvio, zé-ninguém não é usado para todos os Josés, joão-dos-anzóis para todos os Joões, maria-tonta para todas as Marias, mas só em relação a indivíduos de quaisquer nomes para marginalizá-los, humilhá-los ou, simplesmente, caracterizá-los. Portugueses usavam preto ou preta ou pretos para nomear indivíduos ou raças africanas e, a tal ponto, que homens e mulheres se deixavam chamar assim. Na sociedade portuguesa, como havia o hábito de caracterizar pessoas pelos defeitos físicos ou certos dos seus sinais característicos, era vulgar ouvir-se como se fossem nomes próprios *coxo*, *marreco*, *cego*, *preto*, *zarolho*, *chinês*, *mulato*. Felizmente, e quase num ápice, essas marcas cairam em desuso.

Em relação à palavra Maubere (Mau-Bere) pode explicar-se, pois, pelo complexo de superioridade dos colonialistas. Muitos, quase todos, dos portugueses que iam para Timor eram proscritos, marginalizados, castigados, condenados, escória social.

O antropónimo Maubere (Mau-Bere) ter-se tomado de significado pejorativo não foi, de certeza, da iniciativa dos naturais de Timor, mas imposição dos colonialistas. A generalização de paralelismos com zé-ninguém e joão-ninguém só foi possível por esse complexo.

É assim que pode ter-se generalizado o uso da palavra Maubere conexada a zé-ninguém e, consequentemente, se carregasse do seu sentido pejorativo por acção do colonizador, dada a maior mobilidade dele. Daí ter-se inserido noutras línguas locais, despida do primeiro sabor nativo.

Do que não há dúvida é que, principalmente pela projecção da Resistência, a palavra Maubere se impôs como substantivo próprio e colectivo e, também, como adjectivo. O vocábulo, hoje usado na língua portuguesa e

pode dizer-se que nas línguas cultas do mundo inteiro e em todas as situações, outra coisa não quer dizer senão povo de Timor-Leste e o que a ele é relativo.

Os timores que defendem que o substantivo próprio Maubere (Mau--Bere), por se ter tomado, em tempos recuados, de significado pejorativo, não deve ser usado como hoje o é, estão mas é a castigá-lo, a tentar asfixiá-lo, para que o vocábulo não se dilate e viva no plano que já conquistou.

São tantos os vocábulos portugueses e mesmo menos antigos que se modificaram para um outro ou um melhor sentido que esta sessão não chegaria para referi-los. É próprio, é mesmo sinal de vida em línguas cultas. Seria fastidioso trazer exemplos, incluindo alguns do nosso quotidiano, de palavras que varia de significado de região para região, ou de Portugal para o Brasil, o mesmo vocábulo mudando de sentido, às vezes tornando-se até de sentido oposto, outras vezes de sentido ofensivo ou amaneirando-se. Vejamos como a palavra rapariga, que em Portugal é simplesmente feminino de rapaz, mulher nova, moça, menina pequena e que no Brasil pode significar meretriz, mais, que correntemente o significa.

Deixo para o fim o exemplo da palavra cristão. Esta palavra cristão não sobreveio logo à morte de Cristo. Seguidores da Via era como se designavam todos os que O seguiram em vida e durante mais de 100 anos. Passado quase um século, ainda os cobradores de impostos em Antiochia designavam pejorativamente, ofensivamente, desprezivelmente de cristãos os Seguidores da Via. Era um anátema, qualquer coisa como excomunhão.

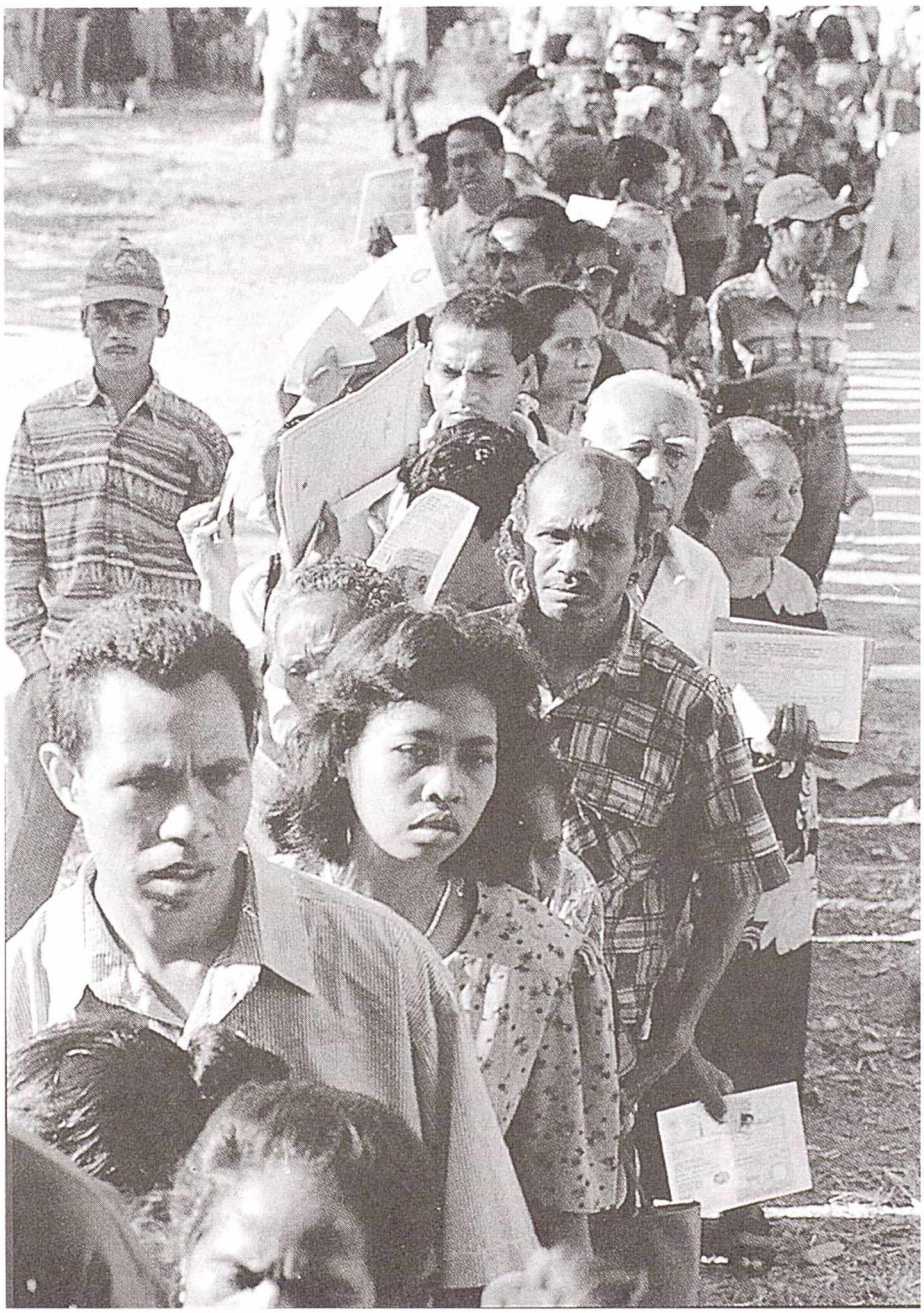
Anátema!, sabe-se o que significa hoje. Ora tal palavra teve inicialmente o significado de *coisa oferecida a Deus* mas depois da versão dos Setenta surgiu com o de *coisa destinada por Deus à destruição.* O oposto.

Voltando, para terminar, à palavra Cristão, que apareceu com significado altamente pejorativo e o manteve por largos decénios, pergunto se alguém, religioso ou não, se atreverá a usá-la que não seja no sentido universal e esplendoroso que hoje tem, que tem tido há quase dois mil anos.

Palavra mágica ! Maubere ! Usemo-la no coração, na inteligência, no ensino e na luta.

Fernando Sylvan

O DIA *D* NA OBJECTIVA DE INÁCIO LUDGERO



O voto em silêncio, em Liquiçá.

30-08-99

FERNANDO SYLVAN

Perfil

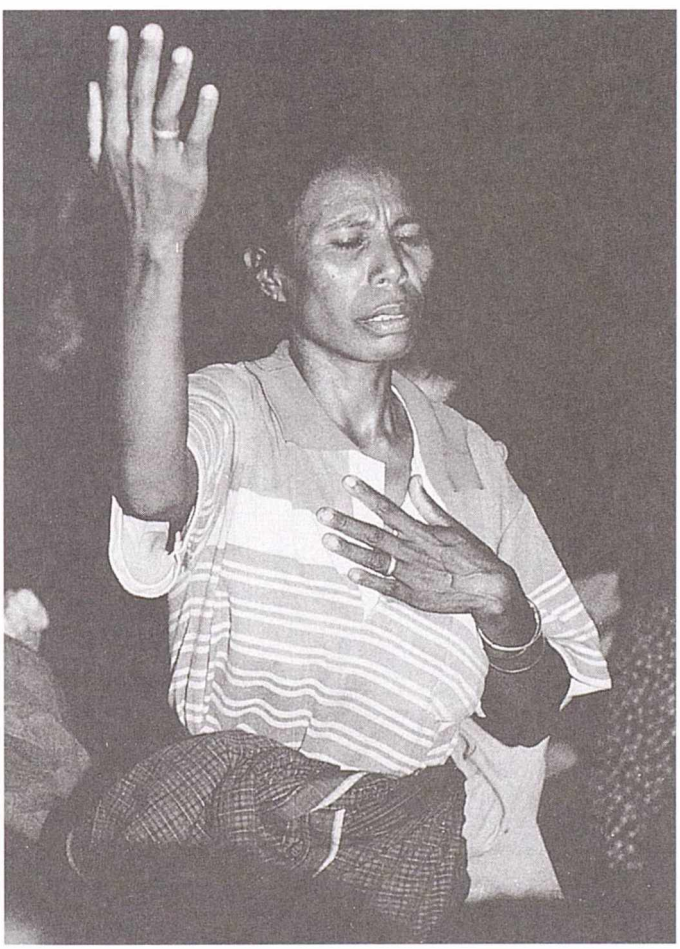
"Pedem-me um minuto de silêncio pelos mortos mauberes. Respondo que nem por um minuto me calarei." Estas são as palavras de um resistente activo naquilo que foi chamado de Causa Maubere e à qual juntou a sua voz sempre que o julgou necessário para afirmar a solidariedade para com o povo mártir a que pertencia por nascimento. Nasceu em Díli a 26 de Agosto de 1917. Aos seis anos veio viver para Portugal. Chamava-se Abílio Leopoldo Motta-Ferreira e adoptou o pseudónimo de Fernando Sylvan para as actividades literárias, vindo a ser conhecido exclusivamente por este nome. Candidatou-se pelo Círculo de Lisboa, nas eleições de 1969, a deputado à Assembleia Nacional. Depois do 25 de Abril, fez causa comum com partidos de esquerda mas foram a resistência timorense e a língua portuguesa as grandes causas que abraçou. Desenvolveu, de facto, uma notável actividade como presidente da Sociedade de Língua Portuguesa, ao ligar pessoas dos mais distantes lugares a questões comuns de defesa da língua e ao preservar aquela instituição como espaço cultural aberto a gentes de diversas culturas, que ali podiam livremente encontrar-se e debater os seus problemas.

É vasta, ainda que pouco conhecida, a sua obra literária. Sylvan escreveu poesia, prosa e teatro. O poema *Mensagem ao Terceiro Mundo*, traduzido em inglês, francês, italiano e sueco, esteve na origem da sua demissão do lugar de técnico da Junta de Investigações Científicas do Ultramar, depois de coagido a retractar-se do conteúdo daquele e tendo-se recusado a fazê-lo. Alguns dos seus versos figuram em antologias ou em colectâneas ao lado dos de outros poetas. *Enterrem Meu Coração no Ramelau, Primeiro Livro de Poesia – Poemas em Língua Portuguesa para a Infância e Adolescência* e *Floriam Cravos Vermelhos* são três desses poemas. Literatura de ideias, ensaio antropológico e linguístico e peças de teatro integram um conjunto porventura controverso mas que um denominador comum desde sempre se impõe: o amor a Timor.

Fernando Sylvan foi investigador da Comissão de Estudos Ibéricos da Universidade Federal de Mato Grosso e seu delegado em Portugal. Leccionou nas universidades de Toulouse e Federais do Rio de Janeiro, S. Paulo, Brasília, Baía e Paraíba e nos Institutos Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais e Nacional de Estudos Pedagógicos do Receife. Apresentou teses no 3º Congresso da Oposição Democrática de Aveiro, no de Filosofia de Braga, onde presidiu a uma das secções, e outros realizados em Portugal, na antiga União Soviética e na Grécia, e conferências sobre relações inter-raciais em Moçambique, na ex-Rodésia (hoje Zimbabwe) e na África do Sul (onde foi preso).

Foi-lhe atribuída a Medalha Pereira Passos, no Brasil, tendo sido agraciado com a Grã-Cruz da Ordem do Infante a título póstumo.

Fernando Sylvan morreu no dia de Natal de 1993, pouco depois da apresentação do seu livro *A Voz Fagueira de Oan Timor*.



Di Li, 01-09-1999
Foto de Inácio Ludgero